

## Revenant

Silence is settling on the Green,  
On paths, on redolent shorn grass.  
Midsummer gloaming is a pale screen  
Above bordering trees heavy  
With leaf, and in the houses of  
The square, yellow lights, blue  
Flicker of televisions. Silence.

Suburban estate fallen quiet.  
Nobody out there walking a dog,  
No teenagers loud in premonition  
Of sex, caught in all that fizz and fall  
Of the blood fever, that lovely push  
And shove of the tribe, posture and  
Doubt, that remembered heady mix.  
None of that. Not even a car passing.  
The small children all in bed.

I turn to the blue glow of night work—  
e-mails to be answered, documents  
Edited, the long day to tidy away.  
I save, stretch, turn in my chair  
And there you are, still and composed,  
Looking away out at the world, hand  
Flat on the blank page, the open notebook.  
But you cannot see out by now, night  
Has made a black mirror of the window,  
All you can see is your own face staring  
Back from wherever you have gone.

I know that I will not catch your eye,  
That a call or shout from the street will not  
Startle you, nor the cry of a hungry child,  
Nor a voice raised in farewell or sudden fear.

You are beyond all that, beyond, and yet  
Here you are, perfectly self-contained  
As ever, a natural presence at home here  
In this room your living presence never knew.

ABEI Journal – The Brazilian Journal of Irish Studies, v. 23, n. 2, 2021.

Nothing I do or say now can disturb you,  
You have gone into that dimension where  
Time itself is outside history, and you with it.  
Suburban estate fallen quiet. Cameo appearance  
Of a poet. A fleeting visit. No narrative. No music.

Theo Dorgan

Written for “Eavan Boland — In Her Many Images”, *ABEI Journal* 23.2 (2021).

## Renascida

O silêncio se assenta no parque,  
Na estrada, perfumada grama tosada.  
O crepúsculo de verão é uma tela pálida  
Acima da fronteira de árvores sólidas  
Com folhas, e nas casas da  
Praça, as luzes amarelas, azuis  
O pisca-pisca da televisão. Silêncio.

O território suburbano torna-se pacato.  
Ninguém lá fora leva o cão a passear.  
Sem o presságio de jovens ruidosos  
Do sexo, pega-se toda ebulição e diminui  
A fervura sanguínea, impelida amorosa  
E o impulso tribal, postulado e  
Dúvida, lembra mistura inebriante  
Nada disso. Nem um carro passa.  
As crianças todas já na cama.

Volto-me ao brilho azul do trabalho noturno –  
e-mails a serem respondidos, documentos  
Editados, organizados ao longo dia.  
Reduzo-me à cadeira, estico-me e me viro  
E ali está você, parada e calma,  
Ignorando o mundo, a mão  
Esticada na página em branco, o caderno aberto.  
Mas agora não consegues ver, é noite  
E ela faz da janela um espelho negro,  
Tudo que vês é tua face fixa  
Voltando-se para o horizonte de onde vieste.

Sei que não entenderei teu olhar,  
Que uma chamada e um grito na rua não te  
Surprenderão, nem o choro de uma criança faminta,  
Nem uma voz alta na despedida ou no medo súbito.

Tu estás para além de tudo, e ainda  
Tu estás aqui, perfeitamente contida em si mesma  
Como sempre, presença natural aqui em casa  
Neste quarto não conhecia tua presença viva.

Nada que eu faça ou diga agora pode te incomodar,  
Tu foste a uma dimensão onde  
O tempo está fora da história, e tu a par.  
O território suburbano torna-se pacato. A aparência camaleônica  
De um poeta. Uma visita breve. Sem narrativa. Sem música.

Portuguese translation by Samuel Delgado Pinheiro